

Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical



25
anos

associação portuguesa de educação musical

Patrocínios

Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
Instituto de Inovação Educacional
Fundação Calouste Gulbenkian

ÍNDICE

Murray Schafer – um olhar panorâmico	3
Marisa Trench de O. Fonterrada	
A 5ª Temporada da Orquestra Clássica do Porto	12
Manuel Ivo Cruz	
Música, chocolate para os ouvidos	15
Helena Rodrigues	
Cursos de formação de professores - No percurso de Edgar Willems	17
Acção e pesquisa em educação musical – a função pedagógica e artística de uma associação como a APEM	20
Graziela Cintra	
Centro de Documentação APEM	26
Noticiário	28

Director: Graziela Cintra

Redacção, Administração e Propriedade: Associação Portuguesa de Educação Musical

Rua Rosa Araújo, 6 - 3.º * Telef. 355 71 18 * 1250 Lisboa

Preço 500\$00

Periodicidade trimestral

Boletim 94 Julho / Setembro 1997

Composto e impresso: Tip. Minerva do Comércio
Travessa da Oliveira à Estrela, 10
1200 LISBOA

Depósito Legal N.º 88071/95

Registado nos SRIP N.º 109959
E.J. 209.958

Música, Chocolate para os Ouvidos

Elementos para uma reflexão sobre filosofia do ensino da Música

Helena Rodrigues

Acabo de falar do nascimento da poesia e da música, como se ambas jorrassem da mesma fonte; acabo de falar da arte do desejo, embora só alguns anos mais tarde viesse a pedir àquelas águas o que outros pedem ao amor: que me matasse a sede de alegria. (Eugénio de Andrade, in "Rosto Precário, p. 24)

Divirto-me quando, em relação à necessidade da Educação Musical no sistema educativo, se invoca o mistério da purificação: o Santo Nome da Música surge, messiânico, num ritual ébrio de neblina e discurso político disfarçado de educativo ou, se calhar, sem disfarce, dada a coincidência entre ambos. Erguem-se as mãos e clamam-se orações, que dizem ser a educação musical muito importante, pois ajuda à socialização das crianças, ao desenvolvimento do raciocínio matemático, da inteligência, da criatividade, do sentido estético, da interdisciplinaridade, da maturidade psicológica, etc, etc.

É interessante, tal como as vitaminas e o Ginseng. Se se consumirem vitaminas fica-se forte. Se se consumir Ginseng fica-se... a minha incompleta psicanálise não me deixa ainda suficientemente liberta para o dizer.

Se se der música às criancinhas elas ficam boazinhas. Recomendável, portanto, no processo de domesticação colectiva instaurado quer pelas ditaduras de esquerda quer pelos sistemas democráticos, em que a Escola é a ditadura-mor. Ainda mais recomendável se houver taxas de desemprego que é preciso baixar ou se os serviços tutelares de menores estiveram sobrelotados.

Ora bem, quanto ao desenvolvimento do raciocínio matemático, está por provar. Mesmo assim, desde que dito com convicção, é um argumento que impressiona. Aliás, como um outro que costuma colher grande simpatia: o de que a música afasta as criancinhas de maus caminhos, como os da droga, por exemplo. Ou seja, provavelmente, Jimmy Hendrix, Jim Morrison e Elvis Presley não eram músicos.

Quanto à inteligência, é uma coisa que não se sabe muito bem o que é (posso adiantar, entretanto, que um indicador de inteligência válido e fiel é, por exemplo, subscrever as ideias deste texto). Muito possivelmente, os esforçados que procuraram provar a acção benéfica que a música exerce sobre a inteligência terão sido eles próprios criaturas severamente privadas de qualquer educação musical. Relativamente à criatividade, eu desconheço que haja no corpo humano

um "centro geral de criatividade". Isto é, que se possa accionar um comando geral com repercussão pelas várias facetas da produção humana. Ou seja, quando muito deve falar-se em criatividades, e não em criatividade. Mais: discordo de Rodrigues (1990) quando defende que as expressões artísticas são um espaço privilegiado para demonstrações de criatividade. Não necessariamente: a educação artística pode ser profundamente heteronómica. Ainda a esse respeito não posso deixar de achar graça àquelas posições laxistas de quem, numa esperança de expurgação da repressão vivida na própria infância, se esforça em deixar livres as criancinhas para que elas possam criar nada a partir de coisa nenhuma. A criatividade — em qualquer dos campos em que se expresse — é um acto de selecção, de negação. Deixar as crianças entregues à riqueza vocabular que a sorte lhes atribuiu ou não, livres para se expressarem a partir do desconhecimento, é apenas redentor para o educador empenhado em reparar as próprias feridas narcísicas. Pronto. Que não se invoque o Santo Nome das Crianças em vão.

A criatividade é uma ousadia póstuma — antes, venham as regras e o *status quo*!

Por outro lado, não deixa de ser curioso que alguns estudos sobre a criatividade procurem normas e consensos para definir quem é criativo. Que eu saiba, a criatividade tem a ver com a originalidade. Com ruptura da norma vigente. Como é possível pretender encontrar o consensual quando o que está em causa é a excepção? Mas não digo que não seja um bom entretenimento o de procurar as regras da unicidade: é, pelo menos, um passatempo duradouro. Tão duradouro que o devíamos confiar aos laboratórios eternos dos deuses: eles terão tempo bastante para se ocuparem das regras marginais das minorias e da solidão.

No que concerne aos benefícios de interdisciplinaridade, um argumento que convence qualquer ministro é o de que a aprendizagem da música é muito útil em termos de aquisição de outros conteúdos escolares. Há mesmo estudos que comprovam este sucesso escolar acrescentado. E têm piada. Têm normalmente *designs* que fazem lembrar a anedota do cientista que corta as pernas à pulga e que, depois de lhe ordenar que salte, o que naturalmente não acontece, conclui: quando se cortam as pernas à pulga ela deixa de ouvir. De qualquer modo, não sei porque é que os investigadores com sentido de humor e tempo livre não se têm preocupado, antes, em provar que a aprendizagem da Matemática, da Língua Materna, etc, são relevantes para uma melhor aprendizagem da música.

Voltemos, entretanto, a outro dos tais preconceitos educativos com que temos arrogantemente defendido a presença da educação musical no currículo: o do desenvolvimento do sentido estético. Será que é este o sexto sentido que as vozes ocultas sussurram? E, enquanto isto, vejo desfilar, na *passerelle* da memória, talentos de matronas dedicadas à Arte de Apolo simultaneamente empenhadas em acariciar-nos os ouvidos e em magoar-nos os olhos, mais o dito sentido estético, com lantejoulas, gorduras vincadas e enfeitadas, berloques, laçarotes, laca, verniz e alfinetes de peito em forma de clave. Se existe, o dito sentido estético não é uno, ou, então, as matronas andam distraídas e vestem mal.

Pronto, estamos conversados sobre as vantagens psicológicas do adubo musical. Debrucemo-nos agora sobre as qualidades moralizantes e redentoras da arte. Ressalvemos, entretanto, que às vezes os artistas têm pequenos esquecimentos. Por exemplo, foi de certeza durante lapsos de inspiração musical que músicos enormes como Furtwangler e Schwarzkopf terão sido coniventes com o regime nazi. Ao que parece, a ex-Jugoslávia — recorda-mo o meu amigo Alexandre Branco — possuía uma elevada educação musical: os recentes acontecimentos são prova evidente de quanto a educação musical é importante para a criação de um espírito de tolerância e fraternidade entre os povos. Mas, de resto, não tenhamos dúvidas: a arte educa a sensibilidade e as emoções — ser artista é ser bonzinho.

Percebi-o, numa primeira revelação, num restaurante do Bairro Alto há já vários anos. Nele costumava cambalear, à hora do jantar, uma velhinha vestida de preto, dobrada ao peso de um cesto com ramos de violetas e da mão de uma criança frágil, pequenina. E a viúva, num fio da voz enrouquecida, apregoava sem pregão, apenas com delicadeza e timidez: “violetas, quem quer comprar violetas?”

A senhora parecia ter sempre os olhos rasos de lágrimas e a criança, a tomar conta da avó, sempre muito caladinha.

Um vulto preto, magro, minguado, carregado pela cor lilás de um lado e pelos cabelos loiro-fino de uma criança do outro, é coisa que incómoda. Ainda por cima porque, quando, por qualquer tentativa de resgate de má-consciência, alguém decidia comprar alguma coisa à velha, o tempo gelava e ela demorava. Demorava. Ficava momentos intermináveis a desatar, com mãos trémulas, o saco de plástico onde tilintavam moedas. Irritante, teimava que tinha que ser honesta e rigorosa no troco. Devia pensar que modelava, assim, a miúda que lhe escorria do braço.

Foi numa dessas vezes de incomodativa demora que assisti à resposta, ao ronco, de uma das mais sensíveis atrizes da nossa praça. Ao queixume vertical daquele corpo parado no silêncio, a atriz, dotada de enorme

talento artístico, retorquiu com uma voz ruminantemente grave e sensual: “Vá-se embora, mulher, saia daqui!”

E ela foi.

A criança também, atada que estava à resignação daquele luto ambulante.

Um corpo preto, sofrido, pode não arrastar uma artista, mas comove uma criança.

Quanto à artista estava, com certeza, sob o efeito benéfico da arte e, talvez, das ideias solidárias do partido político em que militava. Em total estado de graça.

Essa foi a minha primeira glacial clarividência perante a sensibilidade dos artistas.

Naïf, muito *naïf*, admito que esse episódio fosse apenas a exceção que as regras contêm. Mas não, no mundo dos artistas abundam cestos com ramos de violetas.

Portanto, sob os efeitos moralizadores, socializantes e pacificadores da arte, estamos, também, conversados. É claro que podemos sempre pensar que se não fossem os efeitos catárticos da arte em vez de mais artistas teríamos mais delinquentes.

De qualquer modo, talvez o mais importante das artes, numa sociedade tão preocupada com a utilidade das coisas, é que não têm utilidade nenhuma.

E mais que isto é o Francisco, de quatro anos, que após ouvir uma obra de Mendelssohn, segredava, cúmplice, guloso, ao ouvido da mãe: “Mãe, esta música parece chocolate para os ouvidos”. As crianças têm sempre razão e, tal como as formigas e os bichos que lá se vão governando, não estudaram filosofia nem aprofundaram as razões da necessidade estética.

Em suma, não reconheço em nenhum daqueles argumentos uma razão válida para que a música faça parte de um currículo escolar. Outras há.

Mas também não vou escrever sobre essas. A interdição e o silêncio sempre guardaram as coisas sagradas e os tesouros.

E depois, se à escrita não compete escrever sobre as razões da própria escrita porque se deveria fazê-lo sobre as coisas da música?

ANDRADE, E. (1979) — *Rosto precário*, Porto: Limiar.

RODRIGUES, H. (1990) — *A importância das expressões artísticas na formação de professores*. Évora: Actas do I Seminário “A componente de Psicologia na formação de professores”.

in *JL/Educação*, 23 de Abril de 1997, p.12